**MATÉRIA IMPRESSA. MATÉRIA NÓMADA**
NOTAS BIOGRÁFICAS

**Ana Hatherly**
Ana Hatherly (Porto, 1925- Lisboa, 2015) foi uma destacada poeta, artista visual, ensaísta, cineasta, pintora e escritora portuguesa. É considerada uma das pioneiras da poesia experimental e da *performance* em Portugal, sendo que um dos traços definidores do seu percurso é a exploração das relações entre palavra e imagem, desenho e escrita.

**Ana Vidigal**
Pintora portuguesa (Lisboa, 1960) licenciou-se em pintura pela Escola de Belas Artes de Lisboa em 1984, tendo sido bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian entre 1985 e 1987. No seu trabalho, sobrepondo várias técnicas à pintura, como a colagem e a assemblagem, Ana Vidigal resgata elementos de memória(s) pessoais, familiares, políticas e culturais. Daí emergem composições que se revelam poderosos constructos estéticos e críticos em torno de questões como o colonialismo ou a condição da mulher na sociedade, entre tantos outros temas.

**Carla Filipe**
A obra de Carla Filipe (Aveiro, 1973) é composta a partir da apropriação de objetos e documentos, explorando a relação permeável entre objetos de arte, cultura popular e ativismo. Na sua pesquisa, a artista utiliza materiais e elementos, como bandeiras, cartazes, jornais e artefactos ferroviários.

**Irene Buarque**
Irene Buarque (São Paulo, Brasil, 1943) formou-se na Faculdade de Artes Plásticas Fundação Armando Álvares Penteado, de São Paulo, Brasil. Foi Bolseira na Fundação Calouste Gulbenkian em 1973/74, altura a partir da qual reside e trabalha em Portugal. Ainda no Brasil, trabalhou como assistente Amélia Toledo e de Maria Bonomi, como cenógrafa e gravadora. Da sua extensa obra, salienta-se a proximidade que desde sempre manteve com a obra gráfica, através da Cooperativa Diferença (Lisboa), da qual foi fundadora e membro da direção. A sua obra está representada em diversas colecções nacionais e internacionais, como a Pinacoteca de São Paulo, o MAM e o MAC-USP, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação Helga de Alvear, entre outras.

**Lourdes Castro**
Lourdes Castro (Funchal, Madeira, 1930) frequentou a Escola Belas Artes de Lisboa entre 1950 e 1956, de onde foi excluída pelos seus primeiros trabalhos de modelo nu. Em 1957 emigrou para Munique com René Bertholo e, no ano seguinte, rumou para a capital francesa com uma bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian, onde permaneceu até regressar a Portugal em 1983. Foi em Paris que Lourdes Castro contactou com uma realidade artística distinta da portuguesa, nomeadamente com o movimento do "Novo Realismo, entre outros. Aí criou, com René Bertholo, a revista KWY, em 1958, cuja última edição foi publicada em 1963. Foi distinguida, em 2000, com o Grande Prémio EDP.

**Maria Bonomi**
Maria Bonomi (Milão, 1935) é filha de mãe brasileira e pai italiano. Depois de uma infância marcada pela II Guerra Mundial, Bonomi chega ao Brasil em 1945. Estudou no atelier de Lasar Segall e, participando desde cedo nos mais importantes círculos culturais de São Paulo, esteve envolvida em momentos fulcrais, como a criação da Bienal de Arte de São Paulo. O desenho e a gravura são centrais na sua obra, tendo também desenvolvido actividade artística nas áreas da cenografia e da criação de figurinos. A arte pública é também uma dimensão crucial na sua obra, enquadrada nos ideais manifestos de democratização da arte que sempre abraçou.

**Marilá Dardot**
Marilá Dardot nasceu em Belo Horizonte, Brasil, em 1973. Frequentou o curso de Artes Plásticas na Escola Guignard – UEMG, Belo Horizonte, Brasil (1997 a 1999). A artista faz uso de diversos materiais e meios, desde vídeos, fotografias, livros de artista, colagens, esculturas e acções até instalações em grande escala, em locais específicos. O seu corpo de trabalho toma normalmente a linguagem, os livros e a escrita como contributos formais e conceptuais.

**Regina Silveira**
Regina Silveira (Porto Alegre, 1939) fez a graduação em Artes Plásticas pelo Instituto de Artes da UFRGS (1959); Mestrado (1980) e Ph.D. (1984) na Escola de Comunicação e Artes da USP - Universidade de São Paulo, Brasil. A artista destaca-se pelo seu trabalho com luzes, sombras e distorções, explorando ideias de realidade. Silveira usou muitos meios de comunicação ao longo da sua carreira, mas tem-se concentrado principalmente em videografia, pintura e gravura (incluindo litografias).

**Regina Vater**
Regina Vater (Rio de Janeiro, 1943) tem vindo a desenvolver uma obra intermedial entre ilustração, desenho, pintura e fotografia. A Artista é sobretudo conhecida pelas suas instalações inspiradas nas mitologias brasileiras e afro-brasileiras. Na década de 1960, desenhou a primeira capa de disco do movimento Tropicália, movimento artístico brasileiro associado aos músicos brasileiros Caetano Veloso e Gilberto Gil (Tropicália ou Panis et Circensis, de Caetano Veloso, 1968).

**Rita Carvalho**
Rita Carvalho (Porto, 1978) doutorou-se em Design, com tese sobre representações raciais na ilustração portuguesa do Estado Novo (Universidade de Lisboa, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia). Os seus principais tópicos de interesse e investigação incluem narrativas visuais, representações sociais e raciais na ilustração, iluminura medieval e impressão com tipos móveis. Tem também actividade como ilustradora / artista gráfica, participando, como autora, em diversas publicações e eventos.

**Rosângela Rennó**
Nascida em Belo Horizonte (1962), Rosangela Rennó vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formada em arquitetura pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (1986) e em artes plásticas pela Escola Guignard, Belo Horizonte (1987), é ainda Doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo (1997). O jogo entre memória e esquecimento, bem como a ressignificação da fotografia e das imagens, são questões centrais no trabalho da artista.

**Teresinha Soares**
Teresinha Soares nasce em Araxá, Minas Gerais (1927), tendo-se destacado sobretudo nas décadas de 1960 e 70 com uma obra vasta em diversas áreas, desde a pintura, a performance e os *happenings*, até à criação de objectos, passando ainda pela instalação, em sintonia com as novas vanguardas emergentes na segunda metade do século XX. O corpo feminino é o tema central de toda a sua obra, sendo de destacar a dimensão libertária e activista de toda a sua actuação, focando temas como os direitos das mulheres e o seu papel na sociedade, o desejo e a ecologia.

**Vera Chaves Barcellos**
Vera Chaves Barcellos nasceu em Porto Alegre, RS, Brasil, 1938. Nos anos 1960 dedicou-se à gravura, depois de estudos na Inglaterra e Holanda. Em 1975 aprofundou seu conhecimento em técnicas gráficas e fotografia, com bolsa do British Council, no Croydon College, em Londres. Em 1976 fez parte da representação do Brasil na Bienal de Veneza com o trabalho Testarte. Desde os anos 1970 tem atuado na animação cultural em Porto Alegre, figurando entre os fundadores do Nervo Óptico (1976-1978), do Espaço N.O. (1979-1982) e também da galeria Obra Aberta (1999-2002). Em 2005, instituiu a Fundação dedicada à arte contemporânea com o seu nome e à qual preside desde então.

museu
nogueira
da silva
UNIVERSIDADE DO MINHO

http://ceh.ilch.uminho.pt/womanart/


*Direção*
Miguel Bandeira Duarte
*Gestão de Coleções*
Maria Helena Trindade
*Serviço Educativo*
Paula Góis Simões
*Secretariado*
Maria Emília Ferreira
*Comunicação*
Maria Alice Soares
*Montagem*
António Ferreira
*Equipa Técnica*
Maria Isabel Garcia
Manuel Moreira
Maria Fátima Santos
Norberto Quintino
*Edição*
Museu Nogueira da Silva
*Impressão*
Gráfica Vilaverdense
Artes Gráficas, Lda.

*Produção e Montagem*
Márcia Oliveira / Museu Nogueira da Silva
*Curadoria da Exposição*
Márcia Oliveira
*Equipa técnica do projecto WOMANART*
Ana Gabriela Macedo
(Investigadora principal / coordenadora)
Márcia Oliveira
(Co-IR)
*Apoio e financiamento*
FCT/CEHUM (PTDC/ART-OUT/28051/2017)


Abertura no dia 15 de janeiro de 2022

De 15 de janeiro a 05 de março de 2022


**MNS**
Unidade Cultural
da Universidade do Minho
Av. Central 61
4710-228 Braga

www.mns.uminho.pt

*Informações*
sec@mns.uminho.pt
253 601 275



Apoio
CEHUM
FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia


# projeto WOMANART

# *Matéria Impressa*
# *Matéria Nómada*

galeria
da universidade | um

**Nota Introdutória**

A exposição *Matéria Impressa, Matéria Nómada*, inaugurada no Museu Nogueira da Silva em Janeiro de 2022, com curadoria de Márcia Oliveira, reúne como o nome indica 'matéria vária', livros de artista, postais, documentos visuais de índole diversa, da autoria de artistas portuguesas e brasileiras. Esta mostra, concebida no âmbito do projecto de investigação *WOMANART, Mulheres, Artes e Ditadura – os casos de Portugal, Brasil e países africanos de língua portuguesa*, financiado pela FCT, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, constitui um importante 'produto final', uma actividade extra-muros fundamentada no diálogo interartístico, intergeracional e transcontinental – dimensões que constituíram a matriz comum deste projecto, ao longo dos intensos três anos e meio da sua duração. Diálogo é de facto a palavra-chave havida ao longo de todo este processo. Desde logo, diálogo do grupo de investigadoras que construíram este projecto com a História, as suas narrativas, tanto como os seus silêncios e rasuras; diálogo com a literatura, a escrita ficcional e a crítica; diálogo com as representações artísticas visuais, artistas plásticas, realizadoras, filmes, vídeos e documentários produzidos; diálogo também com as artes cénicas e performativas. O largo espectro que este projecto alcançou, a sua perspectiva caleidoscópica focada numa realidade multíplice, teve na sua génese uma série de perguntas e indagações de índole reflexiva e analítica, procurando 'dar a ver' e 'dar a ler' um período da nossa História recente, indelevelmente marcado pela Ditadura. Procurámos responder a esse desafio, expondo nos relatos narrativos, visuais, fílmicos que analisámos, as marcas, cicatrizes e traumas do interdito, do censurado e do silenciado que essas mesmas práticas artísticas desvelaram. Mas a celebração dos afectos e a teia de emoções e relações de cumplicidade foram também alvo da nossa atenção e reflexão, e constituíram um outro tipo de desafio que nos propusemos enfrentar. As inúmeras entrevistas que realizámos a artistas, escritoras e realizadoras dos países que constituíram o nosso eixo de análise (arquivo vivo no site do projecto WOMANART), são testemunho dessa mesma cumplicidade, da palavra materializada como gesto performativo.
Presentemente, a exposição *Matéria Impressa, Matéria Nómada* constitui um novo elo nessa cadeia de desafios 'utópicos' transnacionais – a busca de uma linguagem visual para dizer um tempo coercivo, para confrontá-lo, *re-visitá-lo* e oferecer a possibilidade de uma *re-visão* crítica. A criação como um 'exercício de liberdade', mesmo que, mesmo se, ancorada nos mais perecíveis e por vezes domésticos meios tecnológicos e de impressão, sob a forma de postais, cartas, livros de artista. Mas, como a curadora desta exposição sugere, a 'dimensão colectiva' desta 'arte povera', chamemos-lhe assim, profundamente alicerçada em relações de proximidade afectiva ou electiva, é fundamental, traduzindo a sua condição intrínseca de 'sobrevivência'. E de luta, acrescentaríamos.

Ana Gabriela Macedo
Dezembro de 2021

Irene Buarque, *Etiqueta - Estética. Etiqueta Janela "ET - NELA" 1 a 14...*, 1978 (cortesia Irene Buarque)

*Matéria Impressa, Matéria Nómada* pretende mostrar trabalhos em formatos como o livro e o postal, os quais encontram na mobilidade e na mutabilidade características centrais. Obras através das quais muitas artistas exerciturarm um confronto mais ou menos explícito às ditaduras e suas consequências ou que propõem uma revisão de certas narrativas totalizantes – tais como o papel das mulheres na sociedade, o capitalismo, a escravatura, o colonialismo, etc. – que foram sustentadas e simultaneamente sustentaram os regimes repressivos e ditatoriais que vigoraram em Portugal e no Brasil. Todos os regimes totalitários se constroem com apelo à inércia e à inacção do indivíduo e do corpo, condições indispensáveis ao controlo e ao cerceamento de liberdades individuais e colectivas. Cultural, social e fisicamente, tudo o que (se) move é produtivo e, por isso mesmo, perigoso para uma ideia única. O que se move, move-nos. O que se move é incontrolável, livre e imprevisível, sendo que o movimento dá-se no espaço, mas também no tempo. Muitas das obras que aqui apresentamos encarnam precisamente esse movimento transformador dos objectos ao longo do tempo e através do espaço, enquanto outras nos dão conta dos movimentos dos artistas, e das suas ideias, ao longo de décadas de ditadura em Portugal e no Brasil. Carregados de sentido, estes objectos permitem um movimento de reconfiguração da história, precisamente porque apelam a um reposicionamento do nosso olhar e nos permitem "olhar historicamente para o presente"[1]. Assim, o nosso olhar movimenta-se também – e o que vemos não é mais simplesmente um resquício do passado, um remanescente material, mas antes uma raiz profunda que, no presente, urge expor e problematizar.

Para além de diversas obras originais de artistas de diferentes gerações e com diferentes olhares conceptuais e plásticos sobre estas temáticas, a exposição conta ainda com exemplares de publicações que não só mostram o trabalho de muitas artistas dentro destes formatos, mas também o profundo diálogo e as constantes movimentações que os próprios formatos sempre permitiram, dividindo-se em dois núcleos: 1) Movimentos e Diálogos e 2) Documentos e Revisões. O primeiro núcleo constrói-se a partir de um conjunto significativo de obras da autoria de Irene Buarque, artista de origem brasileira que, em 1974, ruma a Portugal para trabalhar ao abrigo de uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi neste âmbito que Buarque iniciou uma muito

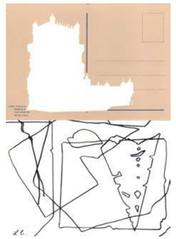
Irene Buarque, *Janela Arquivada*, 1981 (cortesia Irene Buarque)

relevante pesquisa sobre janelas – metáfora de escape e liberdade – e movimento, presente em obras como *Pés de Piso*, *Vias*, *Passos Pisos* e *Só Chão*. Tendo obviamente subjacente primeiramente a sua dimensão plástica, estas obras inspiram uma leitura metafórica dos objectos e dos temas representados – a abertura da janela (o contacto com o exterior, com o ar, possibilidade de libertação ou linha de fuga) ou o movimento presente no andar e no chão que se trilha (viajar geograficamente, percorrer o mundo, contactar com o outro, ou a viagem interior, da aprendizagem e do pensamento livre e liberto de constrangimentos ou censura). Tal leitura acabou mesmo por inspirar a mostra que aqui se apresenta, a qual pretende convocar uma reflexão mais lata realizada no âmbito do projecto WOMANART – Mulheres, Artes e Ditadura. Os casos de Portugal, Brasil e Países Africanos de Língua Portuguesa – e que teve como resultado um artigo publicado em 2019 na revista Diacrítica[2]. Aí, o objectivo tratava-se de demonstrar a forma como os livros e publicações de artista em geral, produzidos em tempos de ditadura e na actualidade, podem ajudar-nos a traçar narrativas alternativas à História oficial/dominante, na senda da visão crítica de Walter Benjamin, que nos relembrou que "articular

Regina Vater, *Parisse*, 1973 (cortesia Galeria Jaqueline Martins)

historicamente o passado não significa conhecê-lo «tal como ele foi efectivamente». É muito mais apropriar-se de uma recordação que brilha num momento de perigo" (133)[3]. De facto, as obras que aqui se mostram ao público, (assim como os vários documentos que aqui surgem como 'testemunhos' e invocação de artistas e de obras seminais nesta reflexão as quais, por razões várias, não puderam integrar a presente mostra[4]), podem ser vistas com 'lanternas' que iluminam não só o passado, mas também o presente, e que inclusivamente iluminam o que não se viu ou ficou escondido por enviesamentos vários. Pretende-se assim explorar uma leitura que parte da actividade artística neste *medium*, no feminino, durante as ditaduras Portuguesa e Brasileira, para pôr em evidência um exercício de liberdade constante, tantas vezes silencioso, que interligava questões de género com a dimensão política mais vasta nestes contextos. Um exercício de liberdade que implicava Movimentos e Diálogos bastante frutíferos numa época concreta, mas que também, mais tarde, deu origem a Revisões imprescindíveis, tal como aquela que aqui pretendemos levar a cabo. Movimentos e Diálogos é precisamente o primeiro núcleo da mostra no Museu Nogueira da Silva, onde, para além do significativo conjunto de livros de artista de Irene Buarque, apresentamos livros e postais que atestam esse fluxo constante de ideias, objectos e imagens, repletos de crítica por vezes mordaz, por vezes subtil, mas também imbuídos de afectos e de amizade. Veja-se, a título de exemplo, *Parisse*, de Regina Vater, o postal de Ana Hatherly trocado com António Areal, ou ainda o belíssimo e íntimo caderno de Lourdes Castro dirigido a Arlete Silva.

As ressonâncias entre artistas e obras aparentemente longínquas e distantes surgiram por vezes de forma inesperada: por exemplo, como podemos ler uma estratégia de recorte da imagem usada por Regina Silveira (conjunto de serigrafias) e por Lourdes Castro



Lourdes Castro, 11 postais, 1979 (cortesia Galeria 111)

(*Recortação*), artistas à primeira vista difíceis de concatenar? A linguagem e a literatura como armas políticas, e não apenas como manifesto estético, não poderiam deixar de estar presentes na forma de documentos e objectos artísticos que marcaram fortemente o mundo das artes, quer em Portugal – através das actividades do grupo de Poesia Experimental – quer no Brasil, através de trabalhos colectivos como *Poesia em G*. A dimensão colectiva deste movimentos – atentemos a livros como *Po.Ex* ou *Expoética* – que não se circunscreve ao diálogo frequentemente efectuado através de postais enviados entre artistas – é fulcral para entendermos estas práticas artísticas *sobreviventes* e, de certa forma, até de sobrevivência. É através da imagem e da palavra, e da respetiva confluência, que as artistas se mantêm vivas na sua inabalável expressão e criação, como nos mostra Ana Hatherly na "Carta Cheia de Esperança" que integra o livro *A Reinvenção da Leitura*. O colectivo surge evidenciado no núcleo Documentos, composto de diversos catálogos e cartazes de exposições colectivas de livros de artista (testemunho de frutíferos contactos também entre Portugal e Brasil, patentes nas exposições realizadas na Galeria Diferença, no início da década de 80 do século XX), ao qual se segue o último momento da mostra, dedicada a diversas Revisões actuais da época e das consequências mais ou menos evidentes das ditaduras e do seu lastro ao longo do tempo. Não podemos aqui deixar de destacar o trabalho de Ana Vidigal, seminal na reavaliação das consequências da Guerra Colonial e do diálogo intergeracional que muitas das suas obras potenciam. Na exposição poderemos ver um dos seus Cadernos, no qual a artista constrói uma espécie de ficção acerca de um conjunto de mulheres retratadas *circa* 1960, a qual também se revela uma reflexão absolutamente desconcertante sobre a permanência do racismo na sociedade, e uma clara demonstração da inter-relação entre imagem e linguagem e o seu impacto na construção e na manutenção de preconceitos ao longo dos tempos. Neste núcleo, destaque ainda para os trabalhos de Rita Carvalho, que alude não só aos processos de descolonização em países africanos, mas também a esse momento seminal da vanguarda brasileira que foi o Manifesto Antropofágico de Haroldo de Campos, e para o trabalho de Carla Filipe, que, no livro *As Filhas da Bulgária*, põe a descoberto um episódio absolutamente desconhecido da história do pós-25 de Abril.

Embora esta exposição não tivesse como objectivo central e primeiro mostrar o muito que

Ana Vidigal, Caderno V, 2000- em processo (cortesia Ana Vidigal)

se tem vindo a fazer em Portugal no campo dos Livros e Publicações de Artista, quer ao nível do livro enquanto produção artística, quer ao nível da constituição de colecções, o facto é que a mesma acaba por ser condicionada, e até, diria, possibilitada, por esse trabalho imenso (e ainda em curso) que tem vindo a ser feito por várias pessoas e instituições. Assim, cumpre-nos agradecer, primeiramente, ao Museu Nogueira da Silva e ao seu director, Miguel Bandeira Duarte, por terem acolhido esta ideia com entusiasmo. À Biblioteca de Serralves, à Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, à Biblioteca Nacional, à Fundação Cupertino de Miranda, à Galeria Jaqueline Martins e à Galeria 111 agradecemos não só pelo empréstimo das obras, mas também por toda a generosidade ao longo deste processo. Agradecemos, muito particularmente a Sónia Oliveira, Isabel Koehler, Ana Vigorito, Maria Arlete Alves da Silva, Ana Barata, Sónia Casquiço, Constança Rosa, Marlene Oliveira e às artistas Ana Vidigal, Rita Carvalho, Marilá Dardot, Carla Filipe, bem como à amiga e curadora Giulia Lamoni. Um agradecimento muito especial é devido, obviamente, a Irene Buarque, cuja obra inspirou muita reflexão, aprendizagem e descoberta, e cuja amizade tornou este momento não só possível como muito especial. Não podemos deixar de exprimir o nosso amplo agradecimento e a felicidade por levarmos a cabo estes diferentes diálogos que tornaram esta aventura possível, numa colaboração entre a Universidade do Minho e instituições culturais, no âmbito das muitas colaborações que pretendemos acalentar e continuar a desenvolver no futuro.

Márcia Oliveira

1. Okwui Enwezor, in *Curating Subjects*.

2. "Matéria Impressa, Matéria Nómada. Esta exposição emana desta reflexão primeira, materializando-a, e integrando também as actividades do projecto WOMANART, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e ser desenvolvido no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho sob coordenação da Professora Doutora Ana Gabriela Macedo (PTDC/ART-OUT/28051/2017).

3. Walter Benjamin, *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*.

4. Várias foram as obras que não foi possível trazer para esta mostra por impossibilidades logísticas várias, nomeadamente, e de forma muito significativa para o conjunto apresentado, o livro objecto *Ventura e Desventura de uma Janela Objecto*, de Irene Buarque, o conjunto de 68 postais *Give me Your Time*, de Regina Vater, e o livro *História Natural*, de Rosana Paulino.